

DESCARTES E OS IDEAIS DE UMA PEDAGOGIA MODERNA (1)

Quando em 1637, Descartes, olhando, retrospectivamente, para os anos que se seguiram àquê 10 de novembro de 1619, talvez o eco daquele "entusiasmo" pela intuição do "fundamento de uma ciência admirável", se lhe tenha apagado da memória. Sentimento mais duradouro, entretanto, poderia criar raízes do exame dessa trajetória espiritual: da insatisfação dos anos de La Flèche e da curiosidade errante "a estudar o livro do mundo" às decisivas meditações do interior do seu pequeno quarto naquele inverno místico dos sonhos que confiavam a seus ouvidos a certeza pelo seu próprio destino. Depois a trajetória é alta e brilhante como um sol e o mundo se desnuda na sua estrutura *sub specie rationale* aos olhos do filósofo, aves do amanhã perscrutadoras das alturas.

Contemplando essa trajetória, com a prudência que a condenação de Galileu, em 1633, lhe ditava, não podia, entretanto, o filósofo esconder a certeza íntima que a rememoração dos episódios de sua vida lhe trazia: "Nunca o meu intento foi mais longe que procurar reformar os meus próprios pensamentos, e construir em terreno que é todo meu. . . Mas gostaria de mostrar neste Discurso, que caminhos segui; e de neles representar a minha vida como num quadro, para que cada qual a possa julgar".

*
* *
*

Ao ingressar Descartes, em 1606, no Colégio de La Flèche, "uma das mais célebres escolas da Europa", lá encontrava as últimas conquistas dos ideais pedagógicos do Renascimento, a serviço dos ainda vivos interesses de um "estilo" medieval já crepuscular. Nem o velho "estilo", herança da tradição escolástica, decadente se não fôra o impulso que o sangue novo e a energia vigorosa de alguns espíritos verdadeiramente superiores proporcionavam, nem os novos ideais que a volta intempestiva e insofreável ao

(1). — Este artigo foi publicado, pela primeira vez, em "O Estado de São Paulo", a 29 de novembro de 1946.

passado trouxera com o Humanismo, lograram amainar a dúvida surda que brotara no coração do jovem escolar de La Flèche.

Daí o nenhum entusiasmo diante das matérias ali ensinadas, desde o estudo das línguas, tão "necessárias para a compreensão dos livros antigos" à Filosofia, onde "nada se encontra sôbre que não se possa disputar", passando pela História, Poesia, e Eloquência. O sistema de ensino do Colégio de La Flèche era, para empregar uma expressão de Descartes, como êsses edifícios "que muitos tentaram embelezar, servindo-se de velhas paredes construídas para outros fins". Por trás da aparente beleza, logo se descobre a ancianidade de uma construção inútil.

Tôda a construção racional que Descartes aprendera nos livros e nos mestres de La Flèche era ainda o tradicional sistema do mundo dos filósofos medievais. Êsse sistema se apoiava inteiramente numa cosmovisão realista e ingênua. O desenvolvimento da filosofia medieval gira em tórno de dois problemas, ambos estreitamente vinculados a essa cosmovisão. De início, o problema dos universais: "o problema dos universais — acentua Windelband — constituiu o ponto central da formação filosófica na Idade Média, graças as suas conexões metafísicas" (2). Dêsse problema dependeu, no seu primeiro momento, a justificação não só das implicações concretas dos conceitos gerais como também — e êsse é o sentido da procura anselmiana — do próprio destino da ciência divina. O núcleo dêsse debate, que aos olhos de um moderno poderá parecer inútil, como de fato pareceu a alguns espíritos, é a obstinada busca de um *ens realissimum* pela exclusiva dimensão do próprio pensamento.

Depois, mais tarde, quando outras obras de Aristóteles puderam ser conhecidas pelo mundo ocidental cristão, pelas primeiras versões latinas, o eixo dêsse desenvolvimento deslocou-se para a célebre passagem dos dois intellectos do *De Anima*, profundamente trabalhada pela tradição árabe. A distinção aristotélica dos dois intellectos parece visar a assegurar uma adequação completa dos conceitos obtidos pelo processo de abstração, por intermédio do intellecto ativo, às imagens que, graças ao intellecto passivo, são expressões fiéis da realidade (3).

Nos dois momentos, entretanto, prevaleceu a fidelidade à imagem do mundo tal como nos é dada na percepção. O mundo dos universais — o mundo inteligível da tradição platônica — vem a ser, assim, transposição do mundo sensível. Nessa transposição os entes abstratos, ao mesmo tempo que se enriquecem com a dimensão de realidade dos concretos, se libertam das limitações do *hic et nunc* em que inevitavelmente êsses concretos aparecem na

(2). — *La Filosofia de la Edad Media*, 3.º vol. da "História de la Filosofia", trad. F. Larroyo. 823, resumo.

(2). — Cf. Hamelin, *Le Système d'Aristote*. 2.ª ed. Alcan. Paris, 385.

percepção. Dêsse modo, ao universo do sensível, estigmatizado pela contingência do *aqui e do agora*, virá sobrepor-se o universo mais duradouro das *formas e essências* em hierarquia onde a maior necessidade, exigência da razão, vai unida sempre a maior perfeição, exigência do coração. O macrocosmo é expressão objetivada do microcosmo, pela força do "drama" cristão: o sistema do mundo medieval, na sua hierarquia de entes dispostos em graus de perfeição, do contingente ao necessário, é o caminho da ascese pela lógica do coração. Apenas haverá sempre um hiato infranqueável pelo entendimento onde os místicos encontraram alimento para o impercível rejuvenescimento da sua fé.

O processo da elaboração dessa *Imago Mundi*, visto de fora do drama que o condiciona, é o caminho da imagem que a percepção fornece à idéia, pelo entendimento, e, a partir daí, pela imaginação, da idéia à imagem, até povoar de entes abstratos e potências os estreitos limites da percepção.

* * *

A êsse "estilo" de conhecimento veio unificar-se, de maneira adequada, uma Pedagogia da Memória. O *trivium* e o *quadrivium* das escolas da época pré-universitária medieval, com as suas sete artes liberais, constituem os elementos subsistentes da cultura antiga, mesmo depois do desaparecimento das escolas romanas espalhadas pelas províncias do Império. "Sua origem como programa completo de estudos — assinala Stephen d'Irsay — remonta a Platão, mas a sua definição precisa foi fixada por Cícero e os filósofos do Império, Aulo Gélcio, Macróbio, Varrão" (4). Nesse sistema pontificava a gramática, não sem causar profundas crises. Já no século VI, Gregório, o Grande, em carta ao bispo Didier, salientava que a gramática devia constituir meio e não fim. Pedro Damiano, no século XI, condenava a gramática como a arte do diabo. "O opúsculo de Pedro Damiano contra os *monges que empreendem o estudo da gramática* — observa P. Vignaux em belo livro — situa-se em uma longa série: um abade do século IX, chamado Esmaragdo, opusera a autoridade do Espírito Santo à do gramático Donato (5)

Constituiu-se, assim, sobre a base do estudo da gramática, ao qual veio juntar-se o da dialética, com o interesse crescente das disputas, uma pedagogia da memória a serviço dos ideais de perfeição espiritual do cristianismo. Thierry de Chartres, em manuscrito que, apesar de todo o interesse que encerra para o conhecimento da pedagogia medieval, não foi, ao que nos consta, publicado ainda, nos

(4). — *Histoire des Universités Françaises et étrangères*, ed. Anguste Picard, Paris, 1933, t. I, 34-35.

(5). — *O Pensar na Idade Média*. Saraiva. São Paulo, 1941. 24.

dá o sentido dêsses estudos no século XII. “Para filosofar — ponderava Thierry no *Heptateuchon* — requerem-se dois instrumentos: o espírito e a sua expressão; o espírito ilumina-se pelo *quadrivium*: a sua expressão elegante, raciocinadora, ornada é ministrada pelo *trivium*” (6). O ensino cujo ideal consistia na perfeição das almas apoiava-se necessariamente na memória, que a transformava em experiência vivida e humana; visava, dêsse modo, a dar ao espírito os instrumentos indispensáveis que o tornariam mais próximo do cristianismo. Não foi com esse sentido que Alcuino, no alvorecer da Renascença carolíngia, como autêntico *semeador* de letras afirmava que as sete artes eram os sete dons do Espírito Santo?

O bom êxito de um sistema está nas ordens de utilidade que o sustentam. O destino dos estudos na Idade Média estava vinculado às funções práticas e utilitárias que as “artes” podiam representar: “o *trivium* — acentua Brehier — encontra a sua justificação na necessidade da leitura e explicação das escrituras e dos padres, assim como no ensino do dogma: o “*quadrivium*” é indispensável à liturgia e ao cômputo eclesiástico” (7).

Por outro lado, a fisionomia dêsse sistema foi condicionada pelas possibilidades técnicas da época. Prevaleceu em tôda a Antiguidade e Idade Média, como sustentáculo da aprendizagem, o recurso insubstituível à memória. As dificuldades, atestadas pelos palimpsestos, para obtenção de material destinado às cópias e as limitações a que conduzem inevitavelmente os processos usados pelos copistas, deveriam levar o ensino medieval a fazer um amplo uso da memória. Daí o extraordinário desenvolvimento das técnicas da memorização que passaram a constituir e dominar todo o sistema. Ainda hoje conhecemos, nos compêndios da Lógica, êsses artificiosos versos mnemônicos que atestam bem o sentido de tôda uma filosofia, através do meticoloso cuidado com que são construídos, transformando a Lógica, na feliz expressão de Janet e Seailles, em “formidável jogo de paciência” (8).

Essa pedagogia da memória, que teve na Idade Média tão amplo e significativo desenvolvimento, remonta à Antiguidade. Alguns diálogos de Platão nos fornecem o testemunho adequado quando as suas personagens, principalmente sofistas, fazem alarde de suas virtudes memorísticas, propondo a repetição de cor de longos trechos. E é o próprio Platão que, no *Menon*, desenvolve a mais alta forma a que poderia aspirar essa pedagogia, elevando a memória à dignidade de confundí-la com o próprio conhecimento: o conhecimento surge no indivíduo “como de um sonho” e “ês-

(6). — Apud P. Vignaux, *O Pensar na Idade Média*, 28.

(7). — *Histoire de la Philosophie*, 5.a ed., Alcan, Paris, 1938, t. I, 533.

(8). — Cf. *Histoire de la Philosophie*, 4.a ed., 1878.

te ato — pergunta Sócrates a Menon — de extrair a ciência de si mesmo não é precisamente recordar?” (9).

*
* *
*

O *Discurso do Método* é a história de um espírito que, não satisfeito com a opinião de seus preceptores, procurou o terreno mais firme da própria razão. A leitura dessas páginas, neste ano em que se comemora o 350.^o aniversário do nascimento de Descartes haverá de iluminar o sentido de qualquer tarefa pedagógica consciente de suas raízes modernas. Insurgindo-se contra o antigo sistema, Descartes, com a sua própria história, forneceu à posterioridade os ideais de uma Pedagogia da Razão. Para aprender em todo o seu significado o espírito dessa pedagogia, necessário se torna percorrer as etapas que o próprio Descartes percorreu, colhendo a lição que essa história ou fábula — como recomenda prudentemente o Autor que se considere sua vida — poderá trazer.

Dois sucessos tornaram possível não só a compreensão dessa pedagogia, mas também as exigências que a tornaram inadiável. Por um lado, a imprensa, aparecida no século XV, libertava a inteligência da servidão, que lhe impunha a memória; tornando inócuos todos os seus artificios. Por outro, a nova imagem do mundo que o sistema de Copérnico trouxera consigo abalou até as raízes e nos seus íntimos fundamentos, pelo desmentido claro à percepção que o heliocentrismo representa, o sistema medieval. A filosofia de Descartes será, por essas razões, a recuperação de um equilíbrio perdido com o desmoronamento de uma ordem intelectual, cuja estrutura repousava inteiramente em ingénua e indevida fidelidade à percepção. E o universo a reconstruir não será mais a arquitetônica que o espírito, pelo caminho da memória, cobrirá com a fantasia dos olhos da infância; mas a larga estrada amadurecida da Análise.

LAERTE RAMOS DE CARVALHO

Professor de História e Filosofia da Educação da
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (U.S.P.).